

de Crowley, o juiz (Dr. Justiça Rápida) interrompeu a sessão afirmando que "jamais tivera notícia de algo tão pavoroso, horrível, blasfemo e abominável quanto a produção do homem que se diz (. . .) o maior poeta vivo". Os jurados se manifestaram contra ele, o que representou sua derrocada. A decisão foi menos grave do que parece, posto que de qualquer maneira ele não possuía bens. A publicidade, naturalmente, foi enorme, e isso pode ter sido tudo o que Crowley desejava.

O caso mostra que Mudd tinha motivos para temer que Crowley viesse a ser fundamentalmente infiel a *The Book of the Law*. A vida de Crowley havia sido, no mínimo, um protesto extraordinariamente coerente contra a "ética protestante" e a hipocrisia burguesa. Já que seu objetivo sempre fora chocar pessoas como o Dr. Justiça Rápida e seus jurados, era de alguma forma incoerente esperar que ele conseguisse despertar neles alguma indignação moral em benefício de Crowley.

É difícil imaginar Crowley como uma figura patética, mas esta é a palavra que resume o Crowley que John Symonds conheceu em seus últimos anos. Symonds conheceu-o após a guerra, quando ele vivia numa casa de pensão denominada Netherwood, no Ridge, Hastings. Um retrato de Crowley desse período mostra um cavalheiro de certa idade, magro, traje de *tweed*, cachimbo, com o aspecto de um coronel aposentado. Interessava-se mais pela heroína do que pela alimentação, o que explica a perda de peso. Symonds afirma que às vezes ele ingeria até 700 miligramas por dia, quando a dose normal seria de 8 miligramas. Perdera totalmente o sentido de direção. Era um velho entediado que temia as noites solitárias. Talvez seja esse o comentário definitivo sobre Crowley. "Poderes" como os que ele possuía vinham naturalmente; eram devidos a um subconsciente de atividade excessiva. Mas jamais desenvolveu qualquer força interior real: a força de ser criativo. E durante os últimos 25 anos de vida era viciado em drogas e álcool. Louis Singer contou-me uma história característica dos últimos anos de Crowley. Ele pediu a uma amiga, Eileen Bigland, se poderia ficar com ela, porque precisava escrever algumas coisas. Diariamente ela se dirigia à cidade próxima para fazer compras. Surpreendentemente para a amiga, Crowley pedia para ir junto; ficava andando sozinho pelo lugar, e depois a encontrava num café quando ela já havia terminado as compras. Ao cabo de duas semanas ele partiu. A filha de Eileen Bigland relata que o reservatório de água do banheiro emitia um ruído estranho, e quando foram ver descobriram catorze garrafas vazias de gim — uma para cada dia de sua estada na casa. O representante de bebidas confirmou depois que Crowley ia à sua loja diariamente e retirava uma garrafa de gim, que era marcada na conta da Sra. Bigland. Durante toda sua vida, Crowley jamais hesitou em tirar proveito dos amigos, obtendo o que desejasse. Irada, a esposa de um de seus discípulos assinalou, numa carta que lhe dirigiu, que ele gastara 15 mil libras de seu dinheiro em charutos caros, conhaque, coquetéis, táxis, jantares e amantes, concluindo: "O próprio Deus não seria tão insolente como o senhor, e esta é uma das causas de seus problemas". A análise é precisa. Desde o co-

meço até o fim de sua vida, Crowley sempre possuiu uma insolência um tanto tola, uma visão orgulhosa e teatral de seu próprio valor que parece derivar de Oscar Wilde e da estética do fim do século. Isso explica porque podia apelar para discípulos fiéis como Norman Mudd e Leah Hirsig, totalmente convencido de que alguma ação da parte deles havia posto a perder o direito que tinham à sua divina condescendência.

Mas também havia, igualmente, um lado positivo em Crowley, o que se evidencia no relato de Seabrook a respeito da experiência de Elizabeth Fox em Telema. Ela era a "estrela do cinema" que, de alguma forma, evitou tornar-se amante de Crowley. Seabrook diz que antes de vir a Cefalù ela estava deprimida, devido aos excessos da vida noturna e do gim. Crowley deixou-a desalentada, dizendo-lhe que devia começar com um mês de meditação solitária num abrigo apenas semicoberto no alto do penhasco. Quando ela se opôs à idéia, ele lembrou que havia um barco que partia no dia seguinte, e que ela então poderia ir embora. Condescendendo, ela teve de meditar nua, apenas com uma espécie de manto de lã que podia vestir em dias frios. O abrigo era totalmente vazio; a privada era um buraco cimentado do lado de fora da "barraca". "Ela teria — disse o Mestre Therion — o sol, a lua, as estrelas, o céu, o mar e o universo com que brincar e para ler." À noite, em silêncio, uma criança colocaria a seu lado um pão, um cacho de uvas e uma jarra com água.

Elizabeth Fox resolveu tentar. Os primeiros dias confirmaram seus temores. O sol, a lua e o mar eram ótimos, mas quando a pessoa se sente entediada, eles também provocam tédio. Passados alguns dias, sentia-se nervosa e ressentida. No décimo nono dia, sua principal sensação era de tédio. E então, subitamente, começou a sentir "uma calma perfeita, uma alegria profunda, uma renovação de forças e de coragem".

Não há nada de estranho em tudo isso, embora poucos o saibam. Há que se fazer com que a mente pare de funcionar como um relógio de pulso. Deve-se fazê-la relaxar e aquietar-se. Há que se permitir que flua a água de sua oculta fonte de poder. Tal é o segredo dos ascetas hindus que passam anos imóveis. Não se trata de penitência, mas de um contínuo escoamento de prazer profundo. Mais importante, é um processo *automático*. O nosso robô subconsciente se adapta a quaisquer condições quando lhe damos o tempo necessário. Adapta-se à quietude, de modo que esta deixa de provocar tédio. As pessoas sentem tédio quando nada está acontecendo dentro delas. E nada acontece dentro delas quando o mundo exterior mantém a mente distraída. Quando o mundo exterior é silenciado durante um período suficiente, a casa das máquinas no interior do indivíduo começa a funcionar. Este assunto será discutido mais detalhadamente quando tratarmos do maior mago do século XX, George Gurdjieff. Mas Crowley já sabia disso. E por isso passou quarenta dias e quarenta noites nas montanhas à beira do Rio Hudson. É pena que tenha esquecido tudo sobre o segredo quando mais precisava dele — no fim da vida.